

Um olhar retrospectivo sobre a medalha dedicada à “Salvaguarda das Artes chocalheira e Esquilaneira / Paisagem Sonora- Património da humanidade”.

Como nasce o projecto?

A ideia de criar um objecto contemporâneo que sinalizasse o interesse de salvaguarda do património material e imaterial, ligado ao uso dos chocalhos e campainhas, partiu do Dr. Paulo Lima, que há anos se interessa pelo assunto, o tem estudado e vem organizando algumas iniciativas¹ no sentido de alertar para a sua preservação. Na sequência desse trabalho, que reuniu a sinergia de vários interlocutores (Região de Turismo do Alentejo, Câmara Municipal de Viana do Alentejo e Junta de Freguesia de Alcáçovas) e culminou na apresentação da candidatura de salvaguarda urgente à UNESCO, fui convidado, em Maio de 2013, a apresentar a proposta para uma medalha alusiva à iniciativa.

1º Passo: Aceitar o convite e honrar o repto

Ao aceitar o repto de imaginar uma medalha que evocasse a *Salvaguarda das Artes Chocalheira e Esquilaneira*, deparou-se-me, de imediato, a dificuldade de sintetizar, em duas faces (anverso/reverso), a sabedoria construtiva, a riqueza simbólica e a variedade formal dessa família de objectos que funcionam como ‘gps do gado’, associados à identificação, à localização e transumância, com funções rituais, estéticas, musicais...

2º Passo : Conhecer o assunto / Empreender acções de motivação.

Na base de qualquer projecto está a pesquisa que é necessário efectuar antes de se começar a pensar em qualquer proposta. Nesse sentido foi preciso fazer leituras, realizar visitas, participar em conversas, em suma, indagar e coligir documentação.

Comecei por ler alguns livros para me familiarizar com a terminologia. Li uma tese de doutoramento,² dois livros adquiridos em Alcáçovas, um na década de noventa³ na sequência de um primeiro contacto com os chocalhos por via de um trabalho curricular

¹ Recordo, por exemplo, o primeiro Fórum-Oficina das Artes do Ferro e do Fogo, realizado em 2011, cujo objectivo era dar “um primeiro passo na implantação e desenvolvimento do Plano de Salvaguarda para a arte dos chocalheiros e dos Esquilaneiros”.

² CASQUEIRA, Fernando António Monteiro de Almeida, *Sons de Alcáçovas: estudo de uma colecção de Chocalhos*, Tese de doutoramento em Antropologia Social (Nº252), Lisboa, ISCTE, 2001.

³ “O mestre que trabalha por cima do céu”

que tive de realizar para a Faculdade de Belas-artes (na disciplina de Sociologia, então leccionada pelo professor Fernando Casqueira) e outro, mais recentemente,⁴ além de um conjunto de artigos e livros, emprestados pelo Dr. Paulo Lima que reuniu vasta documentação sobre o assunto.

Vi alguns documentários ou filmes, nomeadamente, “A Guardadora de Rebanhos” 7’35’ (Maria Rita Vital)⁵ e “Les Saisons” de Artavazd Pelechian, 27’57” – 1972.

Visitei as oficinas e conversei com alguns mestres artesãos, a fim de me inteirar de métodos e procedimentos e observar os gestos, sapientemente, reproduzidos de geração em geração desde tempos ancestrais.

O desenvolvimento de um projecto pressupõe sempre uma excelente oportunidade para se aprofundar o conhecimento sobre alguma coisa. Esta circunstância ditou uma óptima ocasião para conhecer melhor a tradição e a variedade dos chocalhos, que está disseminada um pouco por todo o mundo. Além dos chocalhos, das campainhas e dos guizos, descobri, também, como é rica e variada a forma das cáguedas e dos badalos, como são remotas e surpreendentes as sonoridades dos rebanhos e as rotas de transumância.

3º Passo: Compreender o propósito e colocar as questões certas

À medida que me informava sobre o assunto, desenhava e ia tomando algumas notas num bloco. Quando a imaginação acorda, há que acarinhá-la e registar as hipóteses que se oferecem, para mais tarde regressar aos esboços e testar as possibilidades de aprofundamento.

Em conversa com o Dr. Paulo Lima, a primeira hipótese que nos ocorreu, foi a de desenvolver o projecto em parceria com os mestres artesãos. Dependendo da interacção que se estabelecesse, com um chocalheiro ou um esquilaneiro, assim seria o resultado final. Se, por exemplo, se estabelecesse empatia com o esquilaneiro, haveria fortes possibilidades de se desenvolver um objecto fundido (medalha fundida em bronze pelo processo das campainhas). Se a relação fosse mais forte com algum mestre chocalheiro, a cumplicidade levaria, certamente, a um objecto mais próximo da família dos chocalhos (construção em ferro / seguida de embarramento).

Esta hipótese, embora interessante, revelou-se pouco exequível, devido, nomeadamente, a dificuldades logísticas próprias de uma residência artística; um empreendimento desta natureza exigiria que permanecesse, em Alcáçovas, o tempo suficiente para cultivar amizade com os mestres e poder desenvolver, com eles, um projecto inovador.

⁴ “Os Chocalhos e a sua relevância na vila de Alcáçovas”

⁵ Filme realizado e produzido por David de Mira, no âmbito do seminário de documentário leccionado pelo Prof. José Manuel Costa, sd.

Dadas as circunstâncias, como o tempo e os meios não eram os mais adequados, resolvemos pensar noutra hipótese de trabalho e desenvolver o projeto em Sintra, sem prescindir do espírito metalúrgico dos objectos.

Neste contexto, colocaram-se as seguintes questões:

- Que tipo de forma utilizar - *orgânica* ou ortogonal?
- Que tecnologia usar - fundição, *cunhagem* ou, *construção*?
- Qual o material mais adequado? Ferro / Latão / alumínio / madeira ou plástico?

Se optasse pela *forma orgânica*, a *fundição* revelava-se mais adequada mas, se pensasse numa *forma ortogonal*, a *construção* era mais propícia. Quanto ao material, no primeiro caso utilizaria bronze, no segundo caso usaria o ferro e, de preferência, com banho de latão para tirar partido da aparência do chocalho embarrado, cuja superfície tanto me seduz.

- Qual a forma geral do objecto?

Nesta fase ainda não conseguia pensar em pormenores que ajudassem a caracterizar, iconograficamente, o assunto.

- Que configuração usar na linha geral do contorno que sugira, imediatamente, o assunto em causa?

Voltei a pegar nos chocalhos, nos guizos e nas campainhas e tornei a olhar para eles tentando variar o modo de abordagem. A forma dos guizos (esférica) parecia-me demasiado regular e excluía, morfológicamente, os objectos principais - as esquilas e os chocalhos. A opção seria, pois, por algo que sintetizasse a *forma campanular*, presente nas esquilas e nos chocalhos.

- Mas, como inovar sem repetir o já existente?
- Como representar algo conhecido com uma escala e com uma morfologia adequadas à categoria da medalha?

Eis, finalmente, uma boa ideia!

A organização inicial do projecto teria de resultar do encontro de um denominador comum - a forma circular - partilhada pelo feitio cónico das esquilas e chocalhos e pela feição esférica dos guizos ou cascavéis.

Achada a estrutura essencial do objecto - o tronco de cone - baseado no corte transversal do chocalho, verifiquei, também, que deveria ser leve e oco à semelhança dos evocados chocalhos, esquilas e guizos e, se possível, que produzisse som.

Mais um passo e a seguir outro...

Encontrada a forma geral da medalha, baseada no tronco de cone, interceptado, no interior, pelo badalo, havia agora que integrar, nas duas faces da composição, alguns elementos icónicos que ajudassem a caracterizar o assunto.

A fim de exercitar o pensamento plástico, recomecei a desenhar à mão livre e a fazer alguns estudos tridimensionais em cartão.

Os elementos gráficos que mais me fascinaram, inicialmente, foram as árvores genealógicas dos mestres chocalheiros de Alcáçovas cujas raízes, remontam, segundo as pesquisas da Dra. Ana Pagará e Dr. Paulo Lima, ao século XVIII, precedidos dos caminhos do pastoreio (rotas da transumância ibéricas) e das marcas de fabricante, patentes nos mais elaborados exemplares.

Que tipo de fonte usar na legenda?

Além da estrutura, usualmente cilíndrica ou prismática e dos aspectos icónicos que qualificam a superfície do anverso e reverso, uma medalha inclui, também, uma legenda que enfatiza, textualmente, o assunto a evocar. Neste sentido, o uso de um determinado alfabeto ou de uma possível fonte tipográfica, não é fruto do acaso, mas de uma criteriosa selecção que deve robustecer o conjunto.

Neste caso pensei numa fonte cujos caracteres pudessem dar a ideia de ser cortadas à tesoura, cujos traços fizessem lembrar as marcas de fabricante ou de posse.

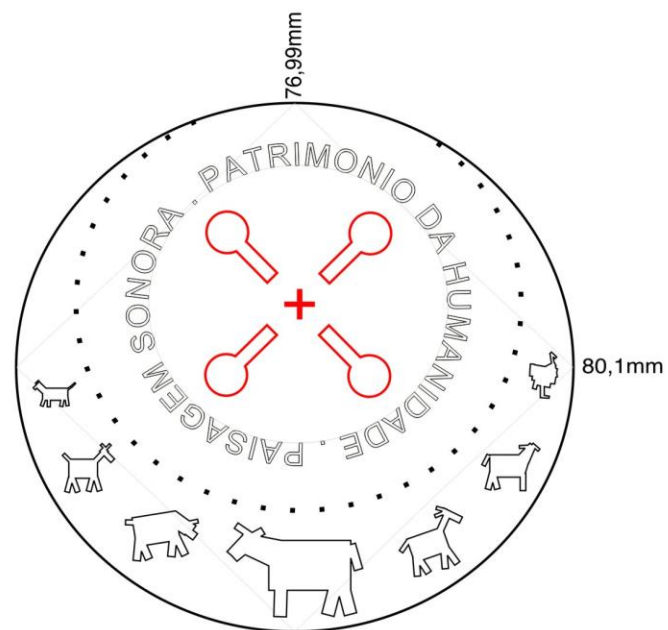
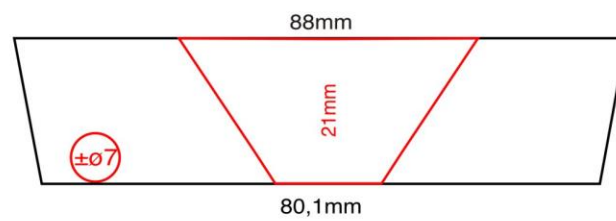
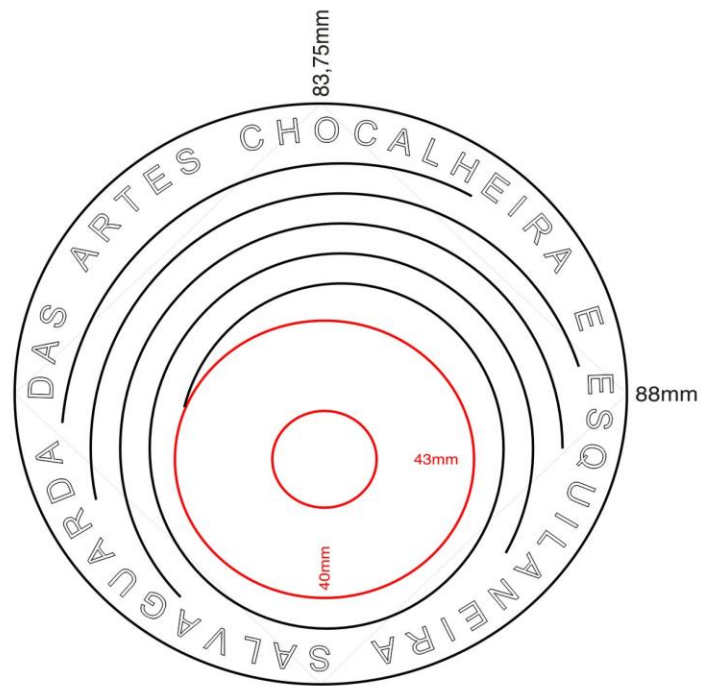
Fiz uma busca no catálogo tipográfico do computador e, como não achasse uma fonte adequada, estendi a pesquisa, à internet, e encontrei um alfabeto *free source* (Aralic Hollow) que acabei por adoptar.

Sonhar o projecto

Dada a complexa 'filigrana' dos aspectos icónicos e a necessidade de antecipar o efeito geral da composição, à escala real, socorri-me, dos recursos informáticos e comecei a utilizar o desenho vectorial (Corel Draw) para dar forma às ideias que me ocorreram. A vantagem de utilizar o desenho assistido pelo computador tem a ver, entre outras coisas, com a possibilidade de permitir visualizar várias alternativas compositivas, cujas variantes o método analógico não comporta, pela morosidade de processos. Outro aspecto, igualmente proveitoso, é o de permitir utilizar soluções tecnológicas integradas, nomeadamente, o uso de fontes digitais e tecnologia de corte e gravação a laser ou a jacto de água.

A relevância deste método, traduz-se, ainda, na possibilidade de imaginar o objecto representado como se de facto já existisse; a visualização do desenho, detalhado e rigoroso, ajuda a imaginação, a formar uma imagem concreta do objecto, que o devaneio do sonho acalenta e melhora ao descartar as hipóteses menos conseguidas.

Nesta fase, o trabalho oscila entre manter os olhos abertos, atentos ao traçado das linhas digitais, repetidamente confirmado em sucessivas impressões e, em fechar os olhos, alternadamente, para visualizar, na imaginação, a 'solução' adequada.



Material : latão e aço

Processo : estampagem e construção

Tratamento de superfície: patina de bronze oxidado com letras, espiral e pictogramas em primeiro plano, a dourado.

Observações: não esquecer incluir esfera de aço no interior antes de soldar a peça

O que apresentar no Anverso?

Partindo da proporção de um chocalho real quis representar, nesta face, a *boca* com o respectivo *badalo*.

A forma circular, interceptada por um tronco de cone (em posição assimétrica), reproduz, em vazio, o movimento do badalo, relativamente, à *boca* que é *debruada* com a seguinte legenda: *Salvaguarda das Artes Chocalheira e Esquilaneira*.

Para enfatizar o som provocado pelo movimento do badalo contra o batente, inscrevi, a partir da base do cone, uma linha em espiral, semelhante á cóclea do ouvido.

E no Reverso?



Nesta face, de menor diâmetro, quis sugerir a correspondência à *asa* e *céu* do chocalho. Para esse efeito, socorremo-nos da forma de cruz vazada inspirada no guizo, à qual acrescentámos o sinal mais (+). A dupla cruz remete para os pontos cardeais, essenciais na orientação das rotas de transumância e alude, simultaneamente, à posição ortogonal da *asa* em relação ao *céu* do chocalho.

A abertura que, também, sugere alguns motivos geométricos incisos nas *cágedas*, é circundada pela legenda - *Paisagem sonora - Património da humanidade*.

Os orifícios acabam por funcionar como caixa-de-ressonância, em resultado do movimento da esfera ao redor da “montanha interna” (gerada pela depressão cônica, correspondente ao badalo, no anverso), que sugere a dinâmica da transumância dos gados.

A enfatizar essa paisagem sonora inscrevi, ao fundo, alguns pictogramas alusivos aos *performers*, os animais domésticos que usam guizos, campainhas (esquilas) e chocalhos.

Como se reproduz o objecto?

Uma outra característica da medalha, para além das outras já mencionadas, advém do facto de ser reproduzível por algum processo artesanal ou industrial. Os procedimentos mais usuais são a *fundição*, a *cunhagem* e a *construção*. No caso da fundição, o escultor tem de produzir um exemplar, à escala real, que depois será reproduzido pelo processo da moldagem e calcado, directamente, no caso da fundição de areia ou, moldado e replicado em cera, no caso da fundição por cera perdida.

Quando se utiliza o processo da *cunhagem*, também designado *estampagem* (procedimento vulgarmente utilizado na produção de moeda), o escultor apresenta um modelo, normalmente em gesso, cerca de cinco vezes maior que o real, que a seguir é copiado por um pantógrafo para um cunho metálico, à escala certa, e que depois de ser de temperado é aplicado a uma *prensa*, também designado *balancé*, que comprime (a quente ou a frio) o relevo negativo do cunho, sobre o metal a estampar.

O processo de construção é combinado, socorre-se de vários recursos (à semelhança de uma linha de montagem) e passa por várias fases (que dependem do tipo de peça) até à produção do objecto final. Neste sistema, o escultor apresenta um protótipo e explica a sua intenção que é submetida à análise dos artesãos, a fim de definirem quais são os procedimentos técnicos mais adequados a utilizar.

Neste caso, em concreto, o procedimento adoptado foi misto: como a medalha era oca teve de ser dividida em duas partes que foram estampadas, separadamente, e depois soldadas, após a inclusão de uma esfera de aço no interior.

Produzida a medalha, dá-se por concluído o projecto?

Longe disso. Depois do protótipo aprovado e enquanto decorria a produção, avançou-se com a embalagem, que devia incluir um pequeno livro alusivo ao projecto.

A *designer* convidada, para esse efeito, acabou por apresentar uma embalagem rebuscada e volumosa, que contrastava com o singelo despojamento da medalha. Verificou-se, com pesar, que o primeiro projecto de embalagem não sortiu efeito.

Gorada a tentativa, incumbi-me de encontrar uma solução que fosse adequada. Afinal, havia que preservar uma outra característica da medalha que tem a ver com o facto de ser um objecto intimista, em trânsito; uma pequena obra de arte que se partilha no gesto ritual de passar de uma mão para outra. Tal como na oferenda, onde é importante o efeito-surpresa e o manter da expectativa até à plena revelação, também na entrega da medalha, a embalagem constitui um sinal, mais ou menos assumido, do emblemático ritual de reverenciar alguém com o objecto.

Com todo o zelo que fui capaz desenhei e mandei produzir três protótipos executados em cartão cinzento, de base rectangular, forrados a papel *cyan* (céu) e *yellow* (sol) que incluíam a medalha e um livrinho dispostos lado a lado.

Embora o *feed back* dos meus interlocutores não fosse desencorajante (porventura por uma questão de delicadeza ou apreço), a verdade é que não me sentia inteiramente satisfeito e essa inquietação fez com que me desligasse desse projecto e decidisse recomeçar outro num sentido diverso.

Finalmente a embalagem!

Volvido cerca de um ano, depois de ter observado em Miranda do Douro, algum artesanato em burel, encarei a possibilidade de usar esse material feito de lã (de textura semelhante ao feltro).

Um belo dia de verão resolvi ir a Manteigas (em pleno Parque Natural da Serra da Estrela), com um amigo que me apresentou a um empresário de sucesso na área do burel. A empresa, que herdara do pai à beira da falência, havia ressurgido com o súbito interesse dos países nórdicos, naquela matéria-prima, agora requalificada com um novo *design* e outras funções.

A ideia de usar burel ganhou consistência e sabia que teria de usar *serrobeco* (mistura de lã castanha e amarelada), até porque esse era o tecido comumente usado pelos pastores. Fechava-se o ciclo - os chocalhos estavam para o gado como o burel para o pastor.



A convicção de estar no bom caminho e no sítio certo, produziu o *click* que faltava – em pouco mais de dez minutos com o burel, uma tesoura e um bocado de papel, na mão, encontrei a solução que não vislumbrei em meses de ralação.

No ímpeto do entusiasmo, ensaiou-se, ali, um protótipo que viria a servir de base ao futuro desenvolvimento.

Embora satisfeito com o progresso, ainda não estava sereno, sabia que o segredo do sucesso passa pelo acompanhamento, de perto, em todas as fases de produção.

Entregue o desenho, cotado com a respectiva legenda e as instruções técnicas, pensei que não havia dúvidas. Quando vejo, porém, os primeiros exemplares, verifiquei que se tinham esquecido da legenda. Telefonei-lhes e aguardei que descosessem a embalagem e a mandassem bordar como estava planeado. Daí a semanas chegava o primeiro exemplar acabado (mandei fazer apenas um para, no caso de haver um engano, o prejuízo não ser significativo). Como se o pressentisse e para meu pesar, ainda não foi, dessa vez, que conseguiram interpretar, correctamente, o espírito do projecto.

Depois de alguma crispação, fruto do desaire, consegui que me dessem o contacto da bordadeira para tratar, directamente, com ela os pormenores da legenda que teve de ser redesenhada e adaptada às condicionantes técnicas do processo.

Processo encerrado?

Embora sem ansiedade, continuo a desejar que a bolsa em *serrobeco* venha a incluir um livrinho que lhe era destinado.

José S. Teixeira

Nov. 2015